

Brasil troca títulos velhos da dívida por bônus novos num total de R\$ 2 bi

Demanda foi de US\$ 3,16 bi, mas taxas saíram acima da última emissão

Enio Vieira e Isabel Sobral

• **BRASÍLIA.** O governo brasileiro emitiu ontem US\$ 2,15 bilhões em um bônus global com vencimento em 2024, para a troca de dívida velha por nova. Foi a sétima operação para retirada de mercado dos papéis *bradies*, emitidos em 1994 na renegociação por 30 anos da dívida latino-americana e que hoje afetam negativamente a avaliação da economia brasileira nos períodos de crise. Não houve captação de novos recursos, só a troca de um dólar em *bradies* por um dólar do título Global 24.

Ao todo, a demanda dos investidores pela troca chegou a US\$ 3,16 bilhões. A procura foi considerada boa pelos analistas, mas os papéis saíram com

taxas acima da última emissão de títulos com prazo semelhante. O Global 24 lançado ontem pagará um *spread* (ganho) de 7,37% anuais acima dos títulos do Tesouro americano. Em março de 2000, o Brasil conseguiu captar US\$ 1,6 bilhão por 30 anos com um *spread* de 6,35% anuais, o cenário financeiro internacional era bem mais favorável.

País aumentou as reservas em US\$ 545 milhões

Esse foi o quarto lançamento de bônus externos do Brasil em 2001, somando US\$ 4,350 bilhões até agora. Na sexta-feira, o Banco Central deve encerrar a terceira captação deste ano, por meio de um bônus no mercado japonês.

Para o Brasil, a vantagem da

troca foi liberar garantias que ficariam presas até o vencimento dos últimos *bradies*, em 2024. A operação de ontem permitiu o resgate de US\$ 681 milhões. Uma parte (US\$ 545 milhões) entrará para as reservas internacionais, e o restante (US\$ 136 milhões) será pago aos investidores que aceitaram a troca. O governo brasileiro bancou em dinheiro a diferença entre o preço do novo papel (cotado no mercado de títulos a US\$ 70,50 para cada US\$ 100 de valor original) e o dos *bradies* usados na troca.

— Retomamos as garantias e alongamos o perfil da dívida. Ainda haverá um ganho de US\$ 74,7 milhões com o gasto menor de juros — disse o diretor de Assuntos Internacionais do BC, Daniel Gleizer. ■